

Um irmão que partiu – um trombone que se calou

Um criador cria-nos e quando desaparece ou morre, ficamos amputados de um qualquer órgão. Sentimo-nos dolorosamente como algo que nos falta. Choramos a dor da ausência. Ficamos mais pobres. Ficamos mais sós. Quando um irmão mais velho nos falta, sentimos um triste empobrecimento da vida, uma perda brutal porque se deixa de ouvir uma voz amiga, um conselho, uma opinião, um sorriso sincero.

O meu irmão Carlos foi um dos mais interessantes espíritos das várias gerações de músicos que passaram pela Banda de Mateus. Músico consumado, perfeito na arte esgotante de dar à música a sua máxima expressão e força. Ele foi um distinto músico da Banda da Armada e da Orquestra de Ópera de S. Carlos. Mas em Mateus tocava sempre com o coração apaixonado transbordando de emoções a sua alma que muitas vezes não conseguia controlar.

Em Trás-os-Montes foi pioneiro no trombone de varas no início dos anos 60, entusiasmando nas festas os melómanos que se rendiam ao fascínio do seu instrumento. Deslumbrada ficou uma senhora bem- parecida, elegante, com traços de alta nobreza que numa procissão para os lados de Mirandela seguiu ao lado do trombone hipnotizada por um instrumento que nunca tinha visto. Já na chegada à igreja a dita senhora espantada por tão eloquentes e assombrosos sons meteu nas mãos do artista uma nota de 20 escudos beijando-o carinhosamente. Os músicos nem queriam acreditar na atitude daquela esbelta e enigmática criatura e por solidariedade bateram-lhe nas costas satisfeitos e orgulhosos ao mesmo tempo que espalhavam sorrisos e olhares.

Com a partida do meu irmão emigrou para longe o som do seu trombone, mas todos os dias se hão de renovar tantas sonoridades na lembrança do seu tocar como o nascer do sol e o cair das chuvas abençoadas ou como saborear as brincadeiras de crianças que são a vida que se espalha e renova.

No sopro do seu trombone de varas nasceram grandes árias musicais floresceram os maiores aplausos em fortes arraiais. Na lembrança da sua vida, o estrondo da sua morte desperta-me para o eco das ressonâncias de Orfeu e para os momentos sublimes de um tempo que não volta. O meu irmão partiu mas eu vou lembrá-lo como as retumbantes harmonias ouvidas em catedral, ou mesmo pela entrega da sua alma a Frei Vicente que na Banda de Mateus se transcendia na construção do firmamento dos sons.

Ele foi alguém com espiritual devoção ao Frei, seu protector e guia. Ele foi o pai carinhoso, o irmão solidário, o patriarca, o confidente, o conselheiro, o amigo que sabia ouvir e perdoar. Eram carinhosas as palavras que pronunciava no chamamento pela Maria, sua mulher, pelo Adão, pelos filhos, pelo Moira e por todos os outros irmãos os citava com a mesma brandura e amor como Maria Jesus amou...

Ah! Quantas viagens ele fez de Lisboa com destino a Mateus para tocar na sua filarmónica...quantas rezas e preces ele implorou ao Frei para que densos nevoeiros se

dissipassem ou fortes trovoadas se calassem para assim chegar a tempo de uma festa, de um arraial ou de uma simples procissão na cidade... Em certos momentos de fervor e galvanização Carlos Silveira revelava-se em ponderadas palavras confessando que o fundador da Banda de Mateus o tinha escutado e protegido em situações difíceis para chegar à terra...

Partiu sem deixar recado porque a sua voz se emudeceu. Resta a lembrança de mil abraços e as conversas infinitas sobre a nossa banda. Ficam mil pensamentos num triste e arrepiante vazio. Fica a saudade doída levada até Deus.

Fica a sua caligrafia em forma de partitura musical e a escrita animada de notas vivas saltitantes e muitas palavras rezadas, sofridas, palavras ornamentadas em ecos sonantes.

Ele construiu cá na terra uma obra imorredora, poemas, marchas, pequenos hinos, escritas e pensamentos...os sons que tocava e as palavras que dizia eram a revelação daquilo que sentia e amava, era o amor que despertava em alegria, era o sinal que dizia que connosco estava.

O meu irmão partiu porque chegou a hora, partiu na luz das estrelas e no sono dos justos, partiu no arfar do fluxo que exercita o amor.

Partiu porque partiu. Partiu no perfume de uma rosa, na beleza infinita de uma flor.